

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE REGULAR DE ENSINO

VIVIANE MEDEIROS¹; DANIELE GALVÃO MATHIAS²; JOSIANE COSTA DA SILVA³; LEONARDO VIEIRA⁴

¹IFSUL-CAVG – viviane.medeiros.5@hotmail.com

²IFSUL-CAVG – danimathias9@hotmail.com

³IFSUL-CAVG – josianepedagoga@hotmail.com

⁴Universidade Luccius Senneca – bio.leo.mat@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa relatar os dados iniciais da pesquisa a respeito da inclusão de alunos com Síndrome de Down, neste momento foram levantados dados a respeito de sua origem e o processo de inclusão na sociedade, com ênfase na educação. Verificou-se por meio de pesquisas e entrevistas como esta ocorrendo este processo, com professores e um casal de pais de uma criança com Síndrome de Down.

O processo de mudança da pedagogia tradicional (leitura, cópia, exercícios no caderno ou livro, etc.) para uma pedagogia inclusiva, pouco a pouco transforma o docente em pesquisador de sua prática pedagógica, pois a nova dinâmica de ensino faz com que adquira habilidades para refletir sobre sua docência e aperfeiçoá-la continuamente. O docente aprende a reconhecer o valor e a importância do trabalho colaborativo e da troca de experiências com seus colegas professores, os quais podem contribuir de forma sistemática sobre novas formas de ensinar, de lidar com velhos problemas e de se desenvolver profissionalmente (FERREIRA 2006, p. 6)

Acredita-se, ser de extrema importância a inclusão de crianças portadoras de (SD) Síndrome de Down na rede regular de ensino, independente de suas diferenças fenotípicas, e atrasos intelectuais, com mais déficit de aprendizagem. As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46.

Com o objetivo de averiguar como e de que maneira as crianças com SD estão sendo incluídas nas escolas regulares, foi realizada uma pesquisa em duas escolas de Pelotas, sendo uma direcionada para crianças especiais, e outra de ensino regular da rede pública.

A escola inclusiva, portanto, é aquela que concebe e põe em prática um currículo que tenha como princípio o compromisso com a sólida formação integral do aluno, oferecendo-lhe instrumentos que lhe sirvam para proceder à análise e à reflexão crítica acerca da realidade em que se insere, contribuindo para a superação de desigualdades sociais. (FERNANDES, 2006, p.17- 18).

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo, e de cunho exploratório, sendo utilizado como instrumento para coleta de dados a entrevista semi-estruturada, levantando conhecimentos e experiências dos profissionais da área.

Na escola especializada foi realizada uma entrevista com a assistente social, para se averiguar qual a metodologia de ensino utilizada para atender os alunos com SD. Buscou-se investigar as especificidades necessárias para a educação desses alunos.

Na ocasião da entrevista, um dos questionamentos feitos à assistente social, foi se haveria a possibilidade de conversar com alguns pais cujo filho tivesse sido acolhido pela instituição e, atualmente, estivesse na rede regular de ensino.

A partir dessa indicação, foi possível uma entrevista com um casal que tem filho Down que está em transição da escola especializada para a de ensino regular.

Na escola de ensino regular foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a professora e a cuidadora do sexto ano, onde têm duas alunas Downs.

A partir dos resultados obtidos por meio dessas entrevistas e observações, pretende-se averiguar como a inclusão está ocorrendo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

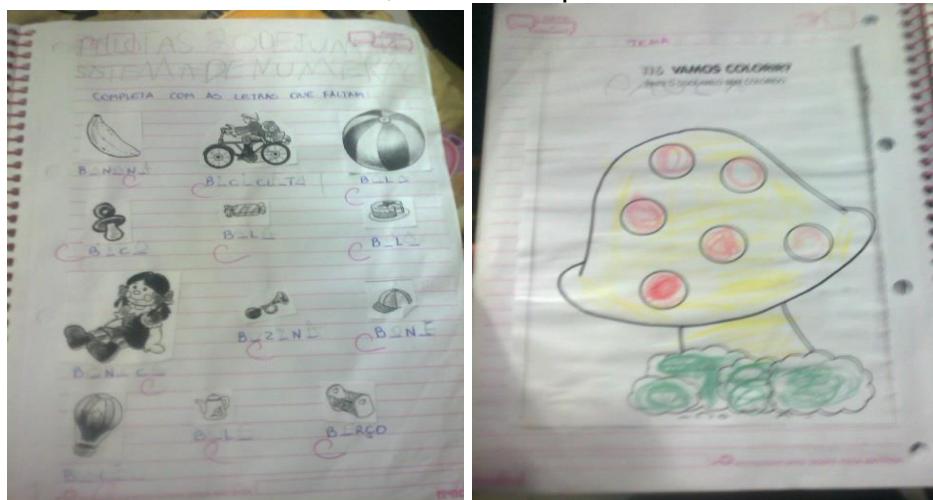
Na escola especializada, foi relatado que a instituição proporciona apoio aos familiares desde atendimento psicológico, até oficinas profissionalizantes, para complementar a renda familiar dos mesmos.

Na entrevista com o casal que tem um filho Down, os mesmos relataram a experiência de como ocorre à inclusão na escola regular, pois a criança estava na instituição especializada desde o nascimento ao quarto ano de ensino fundamental, ou seja, após a sua alfabetização, já que esse é nível máximo de ensino, após encerrar esse ciclo os alunos são encaminhados para a rede regular e recebem o atendimento de sala de recurso.

A criança em questão estuda na escola regular no turno da manhã, sendo que a tarde continua frequentando a escola especializada, para ser realizado o atendimento especializado, o mesmo continua também fazendo natação e pet-terapia, esses foram alcançados por meio da escola especializada.

Quando questionados em relação às vantagens da inclusão, os pais responderam que só viam a socialização no ambiente escolar e acreditam que na escola especializada o filho tinha uma estrutura melhor em relação a suas especificidades, porém ainda ressaltaram que essa “inserção” ainda é recente, e acreditam que o tempo pode melhorar significativamente as práticas inclusivas.

Segue abaixo algumas imagens dos cadernos das alunas Down do sexto ano do ensino fundamental, mostradas pela cuidadora:



Aluna A



Aluna B

Como se pode perceber nas imagens as alunas, estão no sexto ano, porém suas atividades são de educação infantil, sendo que é a cuidadora quem realiza a atividade junto às alunas, e a professora acaba conduzindo o restante da sala

Segundo os PCN's quanto às adaptações curriculares:

[...] possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Nessas Mas afinal, o que são adaptações curriculares? circunstâncias, as adaptações curriculares implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; como e quando avaliar o aluno (p.33).

Com todos esses dados se pode perceber que a inclusão esta ocorrendo de forma lenta, pois, no momento, os alunos estão inseridos em salas de aulas regulares. Mediante a isto percebe-se que as adaptações são essenciais, mas as atividades devem proporcionarem o crescimento intelectual e a autonomia dos alunos com SD. Sendo assim, é essencial que a adaptação curricular seja uma metodologia diferente e não conteúdos diferentes.

A SD pressupõe um trabalho pedagógico voltado ao prático, ao concreto e que privilegie habilidade a serem exercitadas com frequência, não apenas com intuito de manter os alunos ocupados, mas realmente desenvolver um processo pedagógico de aprendizagem e percepção do mundo, conforme a tese de Léo Akio defendida em dois mil e doze, discorre um exemplo magnífico de trabalho numa abordagem Multissensorial para o Desenvolvimento do Conceito de Número Natural em indivíduos com Síndrome de Down, a construção desse conceito utiliza-se como metodologia o Numicom, conforme a imagem abaixo:



Numicom

4. CONCLUSÕES

Constata-se, que cabe ao docente um olhar mais humanístico com práticas pedagógicas mais repetitivas, trazendo o lúdico e sem cobranças de tempo para realizá-los, tais exercícios de aprendizagem com inserção das tecnologias educacionais. Pois as mesmas práticas pedagógicas sairiam das aulas mais tradicionais, incentivando os alunos SD a interagirem mais com o lúdico, e dando mais suporte ao ensino – aprendizagem.

Ainda é preciso considerar que:

“ [...] cada estudante deve ter o direito de aprender na escola, valendo de todos os recursos disponíveis atualmente assim como todos os estudos sobre a educação para a escola ser um lugar potencializador de saberes sob as diferentes áreas do conhecimento.” (BRASIL, 1999)

Conforme o relato dos pais do aluno com SD, o processo de inclusão no presente momento tem contribuído para a socialização do mesmo. Através dos dados obtidos até o momento percebe-se que houve progressos na qualidade de vida dos Downs, uma vez que os avanços tanto na área da saúde quanto na educação colaboraram para isto. Especificamente na educação se pode perceber que processo de inclusão esta se encaminhando de forma lenta e aos poucos essas pessoas estão ganhando espaço e respeito na sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 4 v., 1999.

FERNADES, Sueli. **Fundamentos para Educação Especial**. ed Positivo 2006 Curitiba

FERREIRA, Windyz B. **Educar na diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular**. In: Ensaios Pedagógicos - Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: SEESE/MEC, 2006.

Yokoyama,Léo Akio. **Uma Abordagem Multissensorial para o Desenvolvimento do Conceito de Número Natural em Indivíduos com Síndrome de Down**. Disponível em: <http://professoresdematematica.com.br/quem-sou.html> Acesso em: 05 de maio de 2016.